

A CONCILIAÇÃO SILENCIOSA DOS MINEIROS

The silent conciliation of “mineiros”

José Luiz Borges Horta
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
✉ zeluz@ufmg.br

A toada da política mineira mistura-se às lendas do nosso folclore, tantas vezes revisitadas, e aos rumores e sussurros tão característicos do povo das montanhas. Muitas vezes, até mesmo para os mineiros, sua política reveste-se de nuances imperceptíveis, e mesmo o olhar treinado dos cientistas políticos tem dificuldades para captar as ondas reais das nossas disputas.

Talvez a solidez sutil da política mineira deva-se às suas raízes atávicas no velho PRM – Partido Republicano Mineiro –, num mundo pretérito em que os grupos políticos mineiros reuniam-se no partido de Minas e falavam a linguagem culta do bacharelismo da época, em última análise consolidado no esforço do velho presidente Afonso Penna para dar contorno e unidade às elites governamentais de Minas a partir da Faculdade de Direito fundada em 1892.

Ali, as elites mineiras aprenderam uma lição jamais esquecida: é preciso construir pontes de diálogo e jogos complexos que permitam divergência entre aliados e convergência entre adversários, solidificando na política mineira essa unidade de ação que vem do PRM, mas se espalhou na elegante convivência entre “udenistas” e “pessedistas” mineiros, tantas vezes mediada pelos “perristas”, e mesmo na convivência algo difícil das sublegendas da ARENA, entre si e com os MDBistas – um cenário que, a partir de Minas e do consistente projeto de Tancredo e Magalhães, geraria a transição que o PP, pouco depois incorporado ao PMDB, propiciaria ao país.

Há em Minas uma disposição subliminar permanente para a conciliação subterrânea.

Durante todo o período do regime de exceção militar, os governos foram compostos em conciliação com as velhas correntes, reservando uma vaga no Palácio da Liberdade para um udenista e a outra para um pessedista. Da mesma forma, o vitorioso Tancredo Neves (PSD) tinha como vice Hélio Garcia (UDN), quando da memorável eleição de 1982.

Evoco a memória de Minas para buscar compreender o desenho que as urnas de 2010 apontam para o nosso futuro. Numa análise cuidadosa, parece necessário relembrar o esforço feito em 1986 por uma parcela das elites mineiras para modernizar o Estado, esforço este consubstanciado na candidatura Itamar Franco, então derrotada por Newton Cardoso. Naquele ano, Itamar deixava o PMDB e liderava uma grande coligação tendo como candidato a vice-governador o Deputado Federal Aécio Cunha, hábil filho de Tristão da Cunha, genro de Tancredo e pai de Aécio Neves, numa campanha televisiva que lançaria na política de modo indelével seu então âncora, o jornalista Hélio Costa. Sabemos que o projeto de 1986 restou derrotado naquele momento, com o interessante detalhe de que ali debutaram na política, obtendo seus primeiros mandatos como deputados federais, tanto Aécio Neves quanto Hélio Costa — ambos pelo PMDB (apesar das vinculações de ambos com a candidatura Itamar) e ambos com excepcionais votações.

Newton Cardoso se elegeria na esteira de resistências aos acordos de Tancredo, falando às bases ressentidas do PMDB mineiro diante do espaço ocupado pelos antigos arenistas, e jamais pretendeu participar dos consensos das elites governamentais de Minas, que, aliás, sempre o rejeitaram; na sábia voz de Miguel Arraes, Newton teria rasgado os punhos de seda da política mineira... Mesmo assim, não hesitaria em recompor-se, ainda que apenas superficialmente, com Hélio Costa, que já o visitava no Palácio da Liberdade no início de seu mandato, ou com Itamar, de quem seria vice doze anos depois.

Por outro lado, a aliança entre Itamar, Aécio Cunha e Hélio Costa parece jamais ter se desfeito e, para quem interprete com cuidado o cenário de 2010, parece a vitoriosa síntese da política de hoje.

Antes de mais nada, prestemos atenção à última grande raposa da política mineira, o Presidente Itamar Franco. Em 1990, já no Palácio do Jaburu, Itamar alavancaria a primeira candidatura de Hélio Costa ao governo, trazendo na vice exatamente o grande Embaixador José Aparecido de Oliveira (cujo competente

filho, aliás, é hoje postulante ao Palácio da Liberdade pelo PV); quatro anos depois, já do Palácio do Planalto, Hélio Costa seria apoiado com sutileza por Itamar numa nova derrota, ainda para o grupo de Hélio Garcia, que em 1990 se havia eleito governador e em 1994, na esteira da vitória presidencial do PSDB, havia entregue o governo ao inexpressivo ex-prefeito de Belo Horizonte Eduardo Azeredo, com graves consequências para o equilíbrio geopolítico da federação brasileira.

Os ventos mudaram definitivamente com a eleição do próprio Itamar Franco em 1998, que levaria José de Alencar ao Senado e Hélio Garcia ao absoluto ocaso. A partir de 1998, sozinho na arena, Itamar se tornaria a principal figura da política mineira, tendo escolhido o filho de Aécio Cunha para seu sucessor e, desde então, pairado como figura emblemática da política mineira. Sua união com Aécio, tão inusitada para os que consideram Itamar um político nacionalista e infenso aos modernismos da racionalidade administrativa, e Aécio seu antípoda modernizador e conectado ao mercado internacional, permanece sólida e consistente.

Itamar é o grande fiador de uma união profunda dos mineiros no entorno de três vitórias: as eleições senatoriais de Aécio e Itamar e a eleição de Hélio Costa ao governo. Por trás destas três vitórias reside um tema excessivamente trabalhado na imprensa durante os últimos anos, mas estranhamente desaparecido da pauta em 2010: a união de Minas. Tancredo só chegou ao governo do Estado e depois à Presidência graças ao engenho de unir-se aos seus adversários; sua composição com Aureliano Chaves, em 1984, seria fundamental para alavancar a partir de Minas a Aliança Democrática que seduziria o Brasil e viabilizaria a transição para a democracia. Anos depois, em março de 1998, uma cerimônia na Faculdade de Direito da UFMG, reunindo as principais lideranças de Minas no entorno de Itamar Franco e a pretexto de inaugurar o novo prédio da Faculdade, daria o tom da nova união de Minas, que buscou representar o progresso e o avanço do Estado nos últimos doze anos.

A partir do governo Itamar, falou-se como nunca do protagonismo mineiro, e lideranças tais como Itamar, José de Alencar, Aécio Neves e Hélio Costa mantiveram permanente interlocução por todo o tempo. É de registrar-se que são três septuagenários e apenas um político com fôlego para mais algumas décadas de embates – na verdade, Aécio Neves não tem opositor em sua geração e nem qualquer liderança política com longevidade suficiente para enfrentá-lo. (Para alguns, teria mesmo em Anastasia um risco, já que se trata de um homem mais jovem e muitíssimo preparado para a vida pública). Por esta razão, seu

governo manteve excelentes relações tanto com Itamar e José Alencar quanto com Hélio Costa, que até fins de 2009 ainda visitava regularmente o governador Aécio no Palácio da Liberdade.

Aécio, no entanto, possui ambição maior que a de governar Minas e hegemonizar a política mineira, antigos projetos de Hélio Costa e Itamar Franco. Aécio conseguiu a proeza de unir a Itamar o grupo de Hélio Garcia, do qual o governador Antônio Anastasia é notável egresso.

Anastasia, no entanto, jurista e gestor público festejado, jamais alimentou ambições pessoais, e portanto não está sequer sendo traído pelo acordo de Minas. Anastasia sabia que governaria Minas e sabe que poderá constituir-se em provável reserva intelectual da política mineira; não precisa reeleger-se para seguir sua vida plena de êxitos e é provável que o pleito de 2014 lembre-se dele para a vaga de Senador.

A eleição de Hélio Costa, em um cenário no qual Itamar, Aécio e Eliseu Rezende (aliás ex-ministro de Itamar e aliado explícito de Hélio Costa ao menos no pleito de 1994, em que Vitor Penido foi indicado por Francelino Pereira para vice de Hélio Costa) estejam à frente da bancada mineira no Senado não dará ao governador Hélio Costa outro caminho que não o de buscar governar por meio de uma arrojada união de Minas — mais ainda se verificada expressiva bancada de deputados federais e estaduais ligadas às hostes de Aécio.

Em favor de Hélio Costa, registre-se que ele soube pacientemente agregar ao consenso de Minas os sempre excluídos petistas que, até a iminente chegada de Patrus Ananias à Vice-Governadoria, jamais tiveram prestígio suficiente, em Minas, para ao menos chegarem ao segundo turno das eleições — nunca fizeram governador, vice, senador ou mesmo suplente de senador... Graças ao trabalho de Hélio Costa, nestes últimos oito anos, e como Ministro do Governo Lula, também o ideário petista ingressa, com importância, na cultura política mineira.

Hélio Costa, uma vez governador de Minas, pode patrocinar a espetacular volta de Aécio Neves e Itamar Franco ao leito partidário de que se originam, o PMDB. Nesse cenário, Hélio Costa pode ser o grande executor do sonho dos mineiros de, unidos, elegerem um dos seus à Presidência da República. Aécio, ainda jovem, de volta ao PMDB, despontaria com total apoio do governador Hélio Costa para o pleito presidencial de 2014. Eleitos Hélio Costa e Itamar Franco, que não lhe farão qualquer sombra, Aécio será o grande vencedor das eleições de 2010 (mais ainda, com a possível derrota de Serra).

Há mais mineiros que votam ao mesmo tempo em Aécio, Itamar e Hélio Costa que eleitores de Anastasia, candidato que tão somente cumpre a tabela necessária, ou Pimentel, este último figura estranha aos meios mineiros e à nossa tradição (basta lembrar que em Minas todas as principais lideranças sempre são conhecidas pelo prenome, não importa o quão estranhos os nomes sejam; Fernando talvez existisse, Pimentel certamente não).

Esses mineiros, que dão a vitória aos três nas pesquisas, e podem vir a confirmar as três eleições em outubro, estão intuitivamente afinados a um projeto que se acalenta de há muito: a união de Minas.

O candidato de Aécio ao Governo de Minas é Hélio Costa. Os candidatos de Hélio Costa ao Senado são Aécio e Itamar. Ao menos, para a intuição dos mineiros mais afinados com a vocação mineira para a conciliação. O mais é jogo de cena. O PRM já decidiu quem se elegerá. Vamos às urnas?